
Invista em você mesmo: rastros e vestígios para uma cultura investidora do século XXI¹

Marcelo dos Santos Marcelino²
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

A partir de uma perspectiva genealógica, investigamos neste trabalho como o investimento emergiu como tecnologia de subjetivação no século XXI. A partir de algumas materialidades midiáticas da segunda metade do século passado, analisamos de que modo o sentido de investimento toma, cada vez mais, uma dimensão alargada, para além do aspecto financeiro. Verificamos, a partir de rastros e vestígios em jornais, elementos que marcam uma passagem da compreensão sobre o investimento no liberalismo clássico para neoliberalismo, observando as mudanças no imaginário sobre trabalho, ascensão social e sucesso. Argumentamos que o alargamento desta noção possibilitou novas inaugurações de sentido na história, fazendo o investimento ser incorporado como tecnologia de subjetivação que é parte do que chamamos de cultura do investimento.

Palavra-chave: investimento; genealogia; neoliberalismo; cultura do investimento; comunicação.

Investir em si mesmo, na saúde, no corpo, na formação, no amor, na saúde mental, na espiritualidade. Esses são os novos sentidos de investimento que existem e pulverizam cada vez mais. Procuraremos refletir sobre como essas convocações biopolíticas procuram tratar diferentes áreas da vida pessoal pela lógica do investimento. O que essa ampliação da noção de investimento implica social e culturalmente e como promove a cultura investidora? Nossa hipótese é a de que essa ampliação está acompanhada também de uma série de muitas outras alterações e ampliações de sentidos nas práticas sociais ao longo da história, como as patologias psíquicas possíveis de serem tratadas pelo mercado (Safatle, 2024). Além disso, também é parte de uma reconfiguração do cotidiano pelo mercado a partir das novas tecnologias da informação e financeirização, que imprimem dinâmicas de colonização ampliada da vida pelo capitalismo contemporâneo (Figueiredo, 2019).

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura,, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da UFRJ, bolsista CNPq, membro do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs/Fiocruz), servidor técnico-administrativo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

Nesse sentido, devemos compreender não apenas *como* o alargamento da noção de investimento foi possível, mas também o seu *porquê*. Para isso, nos servimos da genealogia para compreender a passagem da noção de investimento na cultura e na história. Entendemos que fenômenos como esse não são efeito ou causa de uma processualidade histórica explicada como continuidade absoluta nem supra-histórica, mas como um “dispositivo de natureza essencialmente estratégica” (Foucault, 2024, p. 11). Utilizamos na análise uma série de anúncios e matérias jornalísticas veiculadas em diferentes momentos da história, especificamente a partir da segunda metade do século XX. Esses rastros e vestígios da imprensa contribuíram para indicar uma mudança na perspectiva do investimento do sentido liberal clássico para o neoliberalismo (Dardot e Lava, 2016; Foucault, 2008). Essa mudança incorporou, também, novas percepções sobre o trabalho na cultura: o investimento parece indicar uma nova forma de ascensão social que antes era ocupada pelo imaginário do trabalho e estudo, mas que agora esbarra em nova dinâmica de precarização do trabalho e espraio do capital especulativo via algoritmos (Figueiredo, 2019). Neste trabalho, nos centramos em materiais que focalizam a noção de investimento expandida nas temáticas de cuidado do corpo e na formação profissional, campos inauguradores para pensar o alargamento do sentido de investimento na cultura, visto que orientam a vida para produção de subjetividade articulada ao tempo e à semântica do mercado (Lazzarato, 2011).

Figura 1 – Investimento na formação



Fonte: Diário de Pernambuco (27/06/1971).

O investimento propõe um outro tipo de gestão de si mesmo. Não há, necessariamente, um medo de empobrecer ou de não ter nenhum dinheiro para subsistência, mas um regime de subjetivação que concebe o indivíduo “como uma empresa que mapeia permanentemente seus próprios investimento com vistas à otimização da sua rentabilidade” a partir do risco (Paltrinieri e Nicoli, 2017, p. 33). Essa mudança incorpora uma mudança psicológica no indivíduo moderno, que hoje não é aquele que busca compreender a si mesmo pelas profundezas do seu passado, mas a partir de modelos cognitivos que definem o seu *vir a ser* futuro (Paltrinieri e Nicoli, 2017). Como efetivamente está presente em um mercado de investidores, o sujeito incorpora e promove táticas, recursos e formações voltadas ao enriquecimento do seu próprio capital humano (Freire Filho, 2011).

Figura 2 – Curso de costura



Fonte: Revista da Orla (SP), p. 12, 26/05/1985.

Consideramos que uma abordagem histórica do fenômeno do investimento implica considerar as continuidades e rupturas, ao mesmo tempo que a dispersão de acontecimentos materializada em uma série de documentos, registros-vestígios do tempo passado. Este primeiro olhar sobre o investimento permitirá mapear e compreender de modo mais complexo outra série de outros fenômenos recentes da cultura do investimento, como a aparição de influencers de finanças, a financeirização da vida social, tecnologias de investimentos futuros, jovens influenciadores, entre outros.

Referências

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FIGUEIREDO, Carlos. Algoritmos, subsunção do trabalho, vigilância e controle: novas estratégias de precarização do trabalho e colonização do mundo da vida. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 21, n. 1, p. 156–172, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FREIRE FILHO, João. Sonhos de grandeza: o gerenciamento da vida em busca da alta performance. In: FREIRE FILHO, João; COELHO, Maria das Graças Pinto Coelho (.orgs). **A promoção do capital humano**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

LAZZARATO, Maurizio. **La fabrique de l'homme endetté**. Paris: Éditions Amsterdam, 2011.

PALTRINIEI, Luca; NICOLI, Massimiliano. Du management de soi à l'investissement sur soi. Remarques sur la subjectivité post-néo-libérale. **Terrains Théories**, n. 6, 2017.